

Teatro: Denise Stoklos dá sua versão para os 500 anos • 3

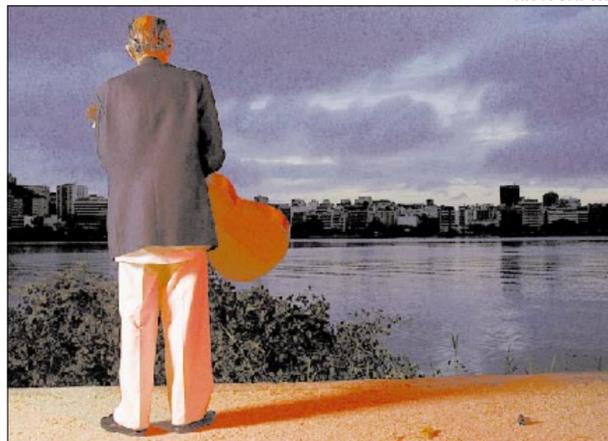
SEGUNDO CADERNO

Rio Fanzine: Morrissey, enfim, vai cantar no Brasil • 4

SEXTA-FEIRA, 24 DE MARÇO DE 2000



BADEN VOLTA ao palco e ao estúdio aos 62 anos, no momento em que suas canções são regravadas por jovens artistas



Fotos de Guto Costa

BADEN POWELL contempla a Lagoa, bairro onde está vivendo atualmente

Senhor violão

Descoberto pelo pop brasileiro, Baden Powell prepara novo CD

Mário Adnet

Especial para O GLOBO

Aos 62 anos de idade e mais de 50 de carreira, o violonista e compositor Baden Powell, que influenciou gerações de músicos no Brasil e no exterior, prepara novo disco, pela gravadora Trama, e ao lado da cantora Miúcha sobe ao palco do Garden Hall nos dias 30 e 31 de março. Será uma boa oportunidade para rever um mestre que também começa a ser descoberto por artistas do pop brasileiro, como provam os trabalhos de, entre outros, Ed Motta (que vem cantando "Consolação" em seus shows), Max de Castro (que cita "Canto de Ossanha" em seu CD de estréia, "Samba raro") e Bebel Gilberto (que gravou "Samba da bênção"). Nesta entrevista, o compositor dos famosos afro-sambas (em parceria com Vinicius de Moraes) fala de sua formação, da carreira precoce, das grandes influências, do encontro com o maestro e saxofonista Moacir Santos e de sua atual volta aos estúdios.

• **VIOLÃO:** "Morava em São Cristóvão e comecei a tocar muito cedo estimulado pelo meu pai, que tinha um irmão que estudava com o violonista Meira. Meu pai me levou para Meira quando eu tinha 8 anos. Meu bairro era rodeado de blocos de carnaval, tinha serenatas, cantores pelos bares daqueles que cantavam e passavam pires, e eu me enterrava no meio deles, participava sempre dos ensaios lá no morro. Uma vez, Ciro Monteiro foi cantar num desses shows na igreja e foram bater lá em casa perguntando se eu não poderia acompanhá-lo. Meus pais me deixaram ir. Bem mais tarde, já adulto, quando reencontrei Ciro na casa de Vinicius, contei essa história e ele quase chorou ao saber que aquele garoto era eu. Depois vieram os programas de calouros. Fui colocado num desses programas aos 9 anos. Aos 11 anos já estava tarado por jazz por causa dos bailes. Fazia baile no colégio e meu grupo, Unidos de São Cristóvão, estavam Milton Banana (tumbadora) e Bituca (bateria). Eu ouvia Stan Kenton, Tommy Dorsey, Duke Ellington, Barney Kessel e, claro, Dilermando Reis."

• **GAROTO:** "Garoto fazia aqueles baixos no violão e Radamés Gnatalli fazia muito parecido no piano. Era um violonista sem rival mas as maravilhosas músicas dele, sem finais virtuosísticos, não tinham impacto para show. Meira me ensinou a gostar do Garoto. Mais tarde fomos companheiros na Rádio Nacional junto a Bola Sete, Zé Menezes e Badeco, dos Cariocas. Garoto não deixou uma partitura sequer escrita para violão, e sim para piano. Ele era um violonista moderno e eu buscava isso." *Continua na página 2*

Recado do mestre, na Califórnia, para o aluno

O arranjador Moacir Santos lembra-se de quando 'curtia o som pelo som' com o violonista

Radicado há 33 anos nos Estados Unidos, o maestro, compositor, arranjador e saxofonista Moacir Santos foi fundamental para a modernização da música brasileira dos anos 50 e 60. Mas, até hoje, nunca recebeu a devida atenção a influência que também exerceu sobre Baden. Mais do que uma relação de professor e aluno, os dois descobriram juntos uma nova veia para a MPB, reforçando as fontes rítmicas africanas. Durante a entrevista, quando eu quis saber se havia uma ligação entre os "Afro-

sambas" que ele compôs com Vinicius e as "Coisas" de Moacir, Baden respondeu que este é um assunto que nunca perguntaram a ele. E, por uma curiosa sincronia, enquanto trabalhava na fita com a entrevista, Moacir ligou-me de Pasadena, na Califórnia:

Mágicos mergulhados no som pelo som

— Até hoje quando vou ao Brasil o pessoal me apresenta como professor de Baden. Quando estudava comigo, o menino fazia os exercícios mas gostava mais de ficar ou-

virando as minhas "Coisas" do que de estudar — lembra o arranjador. — A gente curtiava muito o som pelo som, era uma curtição permanente de ambas as partes. Um ímã de almas que se atraem, sinto até hoje, desde o momento em que conheci Baden, que formamos uma bola homogênea. É como se fosse uma coisa só. Me lembro muito dele tocando as minhas "Coisas" principalmente "Coisa nº 2". Ele tirava o som que eu queria ouvir, fazia acordos como se tivesse seis longos dedos. Baden é um mágico. (M.A.) ■



Cláudio Rossi/8-9-92

MOACIR SANTOS:

"Baden tirava o som que eu queria ouvir, fazia acordos como se tivesse seis longos dedos."

Brasil-Canadá até 47% mais barato, a qualquer hora do dia ou da noite. Disque 0023. Intelig.

23

Não é promoção. Nossos preços são mais baixos mesmo.

SENHOR VIOLÃO • Continuação da página 1

Baden já fez quatro choros para o novo disco

Violonista diz gostar das concepções que Ed Motta e Bebel Gilberto têm desenvolvido para suas composições

• Antes de continuar a rebobinar sua carreira, Baden Powell fala sobre o disco que fará na Trama, gravadora que procura um elo entre os sons contemporâneos e o melhor da MPB dos anos 60. Ele também acompanha com prazer o renovado interesse dos jovens cantores e compositores brasileiros pela bossa nova.

• **DISCO NOVO:** “João Marcelo Bóscoli, diretor artístico da gravadora Trama, me convidou para gravar um novo disco, já tenho tudo na cabeça. Ele está me dando total liberdade para escolher os músicos, me deixou completamente à vontade em relação a concepção. Para começar, tenho quatro choros prontos.”

• **NOVAS BOSSAS:** “Gravei ‘Consolação’ no CD ‘Vivendo Vinícius’, editado em 1999 pela BMG, talvez seja a melhor gravação que fiz dessa música, só com violão e percussão. Gosto demais da interpretação e da concepção de Ed Motta para essa canção. A musicalidade dele é impressionante. E outro dia, na casa da Miúcha, ela me mostrou uma gravação do ‘Samba da benção’ no disco novo da Bebel, filha dela e do João Gilberto. Achei sensacional, um outro balanço, uma batida de samba meio dobrada, bem à vontade. Acredito que vá nascer uma outra, uma nova batida, não tenho idéia de como vai ser mas acho que é um negócio assim feito pai e filho, o filho é a cara do pai, só que muito melhor.”

• **PROFISSIONAL:** “Mas, voltando no tempo, minha primeira experiência mais profissional foi numa turnê, com o apresentador de rádio Renato Murce. As estrelas eram Eliana



CARLOS LYRA (à esquerda), Miúcha, Baden Powell e Toquinho no encontro, em 1998, para lembrar da obra do parceiro Vinícius de Moraes

e Adelaide Chiozo. O violonista Carlos Matos, marido de Adelaide, brigou com ela e saiu do show. Renato pediu uma indicação de um violonista a Meira para substituí-lo. Ele apontou para mim e disse: ‘chama o garoto ali, ele vai resolver seu problema.’ Eu tinha uns 9 ou 10 anos e me puseam no meio de um regional de ferias, como Dante Santoro e Valdemar do Cavaquinho, entre outros, e acompanhei tudo direito. Cyl Farney tocava bateria nessa turnê e me apresentou mais tarde a Billy Blanco, meu parceiro em ‘Samba triste’, minha primeira música gravada.”

• **MOACIR SANTOS:** “Moacir foi maestro, por concurso, da Rádio Nacional. Todos os músicos profissionais, naquela época, iam estudar música com ele. Era um professor sen-

sacional, meio metafísico, explicava a harmonia, os intervalos entre as notas, as dissonâncias, usando como exemplo as estrelas. Fui estudar com ele essas ‘sabedorias’, ficamos muito amigos e por causa dessa amizade ele começou a me mostrar as composições que fazia no piano e não mostrava a ninguém. Dizia: ‘Olha essa ‘coisa’ que eu fiz’ As composições não tinham nome, foi então que ele resolveu batizá-las de ‘Coisa nº 1’, ‘Coisa nº 2’, etc.”

• **AFRO-SAMBAS:** “Moacir me passava exercícios de composição em cima dos sete modos gregos, os modos litúrgicos dos cantos gregorianos. Foram esses exercícios que vieram a se tornar mais tarde os afro-sambas como ‘Consolação’, que é um canto gregoriano legítimo, ‘Berimbau’, ‘Can-

to de Ossanha’, entre outros. Eu via uma grande semelhança entre os cantos gregorianos e os cantos africanos. Conversava muito com Vinícius sobre essas semelhanças, mostrava as melodias para ele no violão e ele ficava maluco, adorava esse assunto. Aí apresentei Moacir a Vinícius e então ele começou a fazer arranjos para a nossa turma e a compor com Vinícius. Elizeth Cardoso gravou umas cinco músicas deles. A partir daí Moacir se animou e além de exímio saxofonista e maestro se revelou um magnífico compositor.”

• **MÚSICA E RELIGIÃO:** “Eu era muito religioso naquele tempo ao meu jeito, era católico de ir à igreja mas também frequentava minhas macumbinhas. De pouco tempo para cá me tornei evangélico, foi uma coisa que me aconteceu aos

poucos. Fui me aprofundando na busca da sabedoria e quando dei por mim já havia descoberto. Isso é muito pessoal. Estou querendo agora fazer umas composições baseadas nos cantos evangélicos. Bach foi o maior evangélico que existiu. Tem alguns afro-sambas que não canto mais, o ‘Canto de Xangô’, por exemplo. Posso tocar mas cantar a letra estaria louvando, não fica bem um evangélico servir a dois deuses ao mesmo tempo. O que foi feito, foi feito.”

• **VINÍCIUS:** “Era 1959, conhecia Vinícius só de nome, ele e Tom já eram nomes bem fortes. Uma noite, Vinícius apareceu no Arpege em Copacabana, boate do Valdir Calmon, em que eu só tocava boleros com um conjunto e depois vinha o show principal. Naquela semana estava tendo o show

do Ary Barroso com Tom Jobim. Vinícius apareceu no camarim, se aproximou dizendo que Sylvinha Telles e Dolores Duran falavam muito de mim, me propondo fazermos umas músicas juntos. Um dia, à tarde, eu fui encontrá-lo no hotel Miramar. Naquele primeiro encontro fizemos duas canções, ‘Sonho de amor e paz’ e ‘Canção de ninar’. Que me lembre, não existe nenhuma gravação dessas músicas.”

• **FRANÇA:** “Fui para a Europa porque queria ver se eu era eu mesmo. Peguei o violão, o avião e fui passar uma temporada lá. Pierre Barrou me arranjou uma apresentação no Olympia e tive oito cortinas. Ou seja, o aplauso não pára e a cortina abre e fecha oito vezes. Depois foi um leilão entre as gravadoras para ver quem me contrataria. Ganharam o Barclay e gravei ‘O mundo musical de Baden Powell’, disco de ouro naquele ano. Acabei ficando 18 anos na França.”

• **ALEMANHA:** “Mudei para a Alemanha para endireitar muita coisa errada lá na minha sociedade, a Gema. Para se ter uma idéia, tinha música de Ary Barroso atribuída a mim, o que atrapalhava o recolhimento dos direitos. Fui então para Baden-Baden, nome muito sugestivo mas é só uma coincidência, porque a cidade ficava perto da fronteira com a França, onde também se falava francês, alemão seria impossível. Era para ficar apenas seis meses, acabei ficando cinco anos. Meus filhos, Phillipe e Louis Marcel, nasceram e foram criados lá, eles sim falam as duas línguas.”

MÁRIO ADNET é compositor e arranjador

PARQUE GRÁFICO

PREFEITURA DO RIO
POR UM RIO, CADA VEZ MELHOR
Ingressos a domicílio pelo tel.: 485-4747
Clique em WWW.silimpoparteez.com.br

VOCÊ TAMBÉM É FILHO DE ZEUS.

Família Lima
Dia 24/03
Ingressos antecipados até 23/03
Lateral: R\$ 10,00
Lateral especial: R\$ 20,00
Platéia: R\$ 25,00 - Especial: R\$ 35,00

Luiz Melodia
Dia 25/03
Arquibancada: R\$ 5,00
Lateral: R\$ 8,00
Lateral Especial: R\$ 10,00
Platéia: R\$ 15,00 - Especial: R\$ 20,00

NOITE DO FORRÓ
PITA R\$ 10,00
MESA R\$ 15,00

CONFIANÇA
A Camélia Flores
Bandeirantes
Ingressos disponíveis: Shell loja Select - Taxa de serviço 15% Posto Jate (Botafogo)
Canário (Barra) Excede (Lagoa) Hawaii (Ilha) J. White (Tijuca) Madureira Shopping (3.º piso). Faixa Etária: 14 anos (de 7 a 13 anos acompanhado do Responsável Legal).

Av. Vicente de Carvalho, 1.450 - Vila da Penha



BONO VOX: o vocalista do U2 é um dos autores do filme que ganhou um prêmio no Festival de Berlim

The million dollar hotel: Temas instrumentais dão unidade ao disco

U2 vai ao cinema com Wim Wenders mas não dá pistas sobre seu futuro

Carlos Albuquerque

DISCO
CRÍTICA

Não espere ver o U2 hospedado em “The million dollar hotel”, a recém-lançada trilha-sonora do filme homônimo, dirigido por Wim Wenders (de “Paris Texas”, “Asas do desejo” e “Buena Vista Social Club”).

Apesar de Bono participar de diversas faixas e o próprio U2 dar sinal de vida em duas músicas inéditas, o disco não traz respostas para as perguntas que muitos dos fãs do grupo — especialmente os mais puristas — andam fazendo por aí e que podiam se resumir numa só.

Onde, afinal, estão os óculos amarelos do Bono?

Ou seja, será que Bono Vox, The Edge, Adam Clayton e Larry Mullen continuam com seu (maroto) namoro com a eletrônica e as pistas de dança, iniciado com o polêmico “Pop”? As guitarras de The Edge estão de volta? E, afinal, é rock ou não é rock mesmo?

As respostas, infelizmente,

não estão presentes entre as 16 faixas do disco. Mas isso não chega a ser um motivo para deixar de escutá-lo.

“The million dollar hotel”, um misto de filme policial, romance e ficção, nasceu a partir de uma história escrita por Bono e Nicholas Klein, depois abraçada pelo diretor Wim Wenders. Resumo da história: Tom Tom (Jeremy Davies) e Eloise (Milla Jovovich) vivem uma história de amor numa Los Angeles desolada e acabam se envolvendo com o detetive Skinner (Mel Gibson), que investiga um possível crime no tal Million Dollar Hotel. O filme abriu o Festival de Cinema de Berlim deste ano e ganhou o prêmio do júri.

Brian Eno e Daniel Lanois participam do disco

No disco, a história é outra. Para começar, não se trata de um punhado de canções amontoadas em torno de uma trilha. Presente em quase todas as faixas do disco (menos as do U2), está a MDH Band, formada por craques como

Brian Eno, Daniel Lanois, Bill Frisell e Jon Hassel, entre outros, o que dá um senso de unidade ao disco e, a partir de temas instrumentais, cria atmosferas com um pé no blues e outro no jazz.

Já as duas músicas inéditas do U2 — as suaves “The ground beneath her feet” e “Stateless” — não brilham e servem apenas como possíveis pistas da direção que o próximo disco do grupo pode ter. A primeira, acompanhada por uma suave percussão, traz Bono cantando uma letra escrita pelo escritor Salman Rushdie, autor do polêmico “Versos satânicos”.

Mas a melhor coisa do disco — que tem uma versão bizarra de “Satellite of love”, de Lou Reed, cantada por Milla Jovovich — é exatamente a música menos séria: a versão escrachada da já naturalmente escrachada “Anarchy in the USA”, dos Sex Pistols, cantada pelo ator Tito Larriva num esbanhol irado, acompanhado pela MDH Band. É o caos num hotel todo arrumadinho. ■

Grammy Latino reúne artistas e indústria no Rio

Pedido de Martinho da Vila para prazo maior não é atendido

Segundo Mauricio Abaroa, compositor mexicano e vice-presidente da Academia Latina de Artes e Ciências da Gravação (Laras), e André Midani (presidente da Warner Music na América Latina), o fórum “Música latina, a experiência global”, realizado anteriormente no Rio, no Rock in Rio Café, deve ajudar na adesão da MPB ao Grammy Latino.

Para o fortalecimento do Brasil no prêmio, além da inscrição dos discos, é necessário que cantores, músicos, técnicos de som e demais pessoas envolvidas com a criação e produção se filiem à Academia, essas pessoas é que irão escolher os indicados e votar — esclareceu Abaroa.

O Brasil não pode perder essa oportunidade. A festa de entrega do prêmio, no dia 13 de setembro, em Los Angeles, será televisada para todo o mundo — lembrou Midani.

Discos só poderão ser inscritos até 31 de março

O prazo para a inscrição de discos (lançados no Brasil entre janeiro de 1999 e março de 2000) acaba dia 31 de março. Um dos participantes da mesa, o cantor e compositor Martinho da Vila, pediu prorrogação mas Carlos de Andrade, secretário executivo da Associação Brasileira de Produtores de Disco (ABPD), argumentou que é impossível:

Há quatro meses que as inscrições estão abertas e existe um cronograma que temos que obedecer.

Cerca de 200 pessoas, entre cantores, produtores, executivos de gravadoras multinacionais e selos independentes, participaram do fórum. ■

A
B
D
E
G
H